

BANIWA, Francy Fontes; BANIWA, Francisco Luiz Fontes. **Umbigo do Mundo:** mitologia, ritual e memória Baniwa Waliperedakeenai (pinturas de Frank Baniwa). Rio de Janeiro: Dantes Editora, 2023.

Marco Antonio Gonçalves¹

¹Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil

Com seu livro *Umbigo do Mundo*, Francy Baniwa nos permite adentrar na mitologia/cosmologia dos Baniwa a partir de uma perspectiva inovadora. Ele nos comunica uma densidade de conhecimento aliada a uma beleza narrativa, derivada das narrações realizadas por seu pai Francisco Fontes Baniwa e acompanhada dos desenhos de seu irmão, Frank Baniwa (70 aquarelas). Francy estrutura uma narrativa que conjuga suas vivências, memórias, pesquisas e tudo o que aprendeu sobre seu mundo indígena, consultando uma biblioteca constituída por enciclopédias e dicionários vivos de sua cultura: seus avôs, avós, seu pai, seus irmãos, suas tias, seus parentes. Por meio dos mitos e de suas narrações, de seus comentários, acedemos a uma compreensão do mundo Baniwa em que os próprios mitos e seus personagens são o modo de acesso ao conhecimento. Os mitos não são “imaginação” ou “fabulação” sobre o mundo, mas conhecimento incorporado, que, como nos diz Francy, está dentro dela, sempre fez parte dela mesma; todas as noites, ao se deitar na rede, seu pai lhe contava um mito diferente. Francy nos restitui a ideia de que “o mito é vivo e presente”, não é coisa do passado, é algo que tem presença e, por isso, a força de sua narrativa é presentificar o mundo; o mito precisa ser narrado para que o mundo ganhe existência e compreensão. Os mitos são, também, a arte de imagetificar o mundo; são geradores de imagens-conhecimentos, e essa dimensão se apresenta no livro por meio das figurações de Frank Baniwa que, longe de serem “ilustrações” das narrativas, são condensações conceituais dessa possibilidade de imagetificar o mundo.

Os mitos e seus conhecimentos fluem no livro como uma cachoeira, vertem uma água infinita, um não cessar de histórias, processos de transformação que vão do mundo pequeno, da gente-universo à origem da humanidade. Esses mitos/conhecimentos reverberam “o som da cachoeira”; não parece coincidência que este seja o significado do nome de Francy na língua Baniwa: Hipamaalhe. Assim, escutamos/lemos/aprendemos o livro. Os saberes de Francy, Francisco e Frank nos embalam na compreensão desse rico e complexo mundo dos Baniwa.

Os comentários de Francy que permeiam a narrativa, pontuando os mitos, reinterpretam, a partir do próprio modelo Baniwa, a cosmologia. Nesse exercício, Francy descobre novos significados nas narrativas míticas. Essa exegese feminina da mitologia Baniwa nos restitui uma outra forma de compreender os Baniwa, aportando em novos lugares e em novos caminhos.

Recebido em: 05/06/2024

Aceito em: 08/11/2024



Este trabalho está licenciado sob CC BY-NC-SA 4.0. Para visualizar uma cópia desta licença, visite <https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/>

O tema e o desafio do livro se referem a compreender a origem da humanidade. Francy nos apresenta, por meio do saber de seu pai e de suas narrações, questões fundamentais do pensamento Baniwa que atualizam as complexas relações do que significa ser mulher e ser homem, suas distintas e complementares condições de existência, seus modos de operar transformações no mundo que vão dar origem à humanidade tal qual se apresenta hoje.

O umbigo do mundo é uma localidade, um conceito, um acontecimento, uma imagem, uma realidade. O umbigo do mundo é um índice, uma marca, uma evidência sobre a origem da humanidade, não apenas Baniwa, mas a humanidade como os Baniwa a compreendem. O umbigo do mundo é onde se junta céu e terra, a cachoeira Hiipana, a vagina da pedra, a que deu origem a Kowai e aos animais sagrados (as chamadas flautas), a humanidade. Desse local saíram os chefes dos clãs Baniwa e, consequentemente, a humanidade que inclui todos os povos. Os Baniwa nascem do benzimento do tabaco; os homens brancos nascem sem o benzimento e por isso têm o mesmo corpo dos seres invisíveis, não se sentem mal ao comer carne crua ou malpassada, não têm o tabaco e podem viver sozinhos. Os benzimentos são orações que se encontram nos mitos, são mitos cantados e encarnam para os Baniwa o que significa a humanidade apropriada.

Francisco é maadzero, mestre de cantos e danças e seu pai Luiz Manoel Fontes era homem sábio importante, considerado lininali (“dono”) do trompete kolirina. Sua imagem surge em uma foto muito antiga registrada por Wilhelm Saake (padre e etnólogo) que andou pelo Rio Negro. Na foto o avô de Francy, ele aparece vestindo a tanga de envira e segurando a flauta de surubim. O mundo de Francy cabe nessa fotografia que condensa e atualiza sentimentos profundos: a busca pelo conhecimento ancestral, a compreensão da história e das lutas do povo Baniwa e de sua própria família.

Francy no seu processo de aprendizado, guiado pela mitologia, desvenda as significações do cantar, do benzer, do dançar e de cada uma das coisas existentes no mundo: “[...] vejo uma pedra, vejo um pássaro, vejo um peixe, vejo uma árvore, e sei o porquê de tudo isso, pois aprendi outra linguagem, diferente, não a minha, mas a língua deles, de outros seres [...]” (Baniwa; Baniwa, 2023, p. 23). Enfrenta múltiplos desafios no seu processo de construção de conhecimento do mundo Baniwa vivenciados como mulher e antropóloga. Um primeiro desafio é o fato de Francy, como mulher, não poder ter passado por rituais masculinos que franqueiam o acesso ao conhecimento sobre as chamadas “flautas sagradas”, ou melhor, aos animais sagrados. Entretanto, Francy nos mostra que o conhecimento não se situa e é transmitido apenas na relação pai e filho. Por ser mulher e na condição de antropóloga, ela consegue produzir um outro conhecimento da mitologia Baniwa e seus significados. Essa condição feminina lhe permitiu revolucionar o modo de se conhecer e, com isso, trazer questões outras que não as já descritas sobre a etnografia mitológica e ritual do Alto Rio Negro que privilegiou e naturalizou o ponto de vista masculino sobre o conhecimento. Seu olhar e percepção feminina agrega um novo modo de ver, de conceituar, de saber, de conhecer.

Os rituais são verdadeiras presentificações dessa cosmologia/mitologia, momento em que os seres estão presentes e se situam no interior dos corpos, as músicas e os sons passam a ser incorporados, e Francy apresenta essa dimensão subjetiva-afetiva-intelectual de apreensão da músico-ritual nesses eventos de um modo muito próprio e profundo, pois sua apreensão evidencia que não se trata de homens que tocam flautas, mas sim de corpos sonoros de animais que estão ali presentes e que entram em relação direta com as mulheres que demonstram, por sua vez, grande protagonismo nos rituais vivenciados na

atmosfera da casa cobra ritual, espaço que junta de uma só vez a dimensão macrocósmica e microcósmica, não de um universo, mas de um multiverso Baniwa: a cumeeira da casa é a espinha dorsal da cobra, os caibros suas costelas e os humanos estão em seu ventre, estão dentro da cobra, revivendo os processos de transformação, sendo gestados para se recriarem a si próprios e o seu multiverso a cada ritual.

O livro narra um longo processo de transformação por qual passou o mundo e os seres até chegarem a sua forma atual. O conceito de transformação parece capital para a compreensão do mundo Baniwa. O mundo, ainda pequeno, era habitado pelos eenonai, pessoas-animais daquele tempo. Surge neste mundo uma primeira disputa, a primeira desavença entre dois homens, Maami e Waliitshi. A inveja foi o primeiro sentimento que irrompeu nesse, ainda incipiente, processo de aceder a uma humanidade. Maami é um ser bonito que atrai as mulheres, duas irmãs, mas elas são enganadas por Waliitshi e, por conta do engano, recebem o fedor do mundo em seus corpos. Fedor que é retirado por Maami, ação que dá início a um “ciclo de vinganças” que comanda a mitologia e os múltiplos processos de transformação.

Francy enfatiza o poder que têm as palavras para os Baniwa, não são apenas significantes/significados, léxico e sentido. Ela têm densidade, imanência, permanência, referencialidade e agência. Os benzimentos, os cantos ou mesmo o pensamento que se expressa pela palavra produzem ações, efeitos. As palavras “amarram” a boca e o corpo de um avô ancestral que tinha a forma de um jacaré. O poder das palavras evoca outro modo de ser, de saber, de fazer.

Surgem os hekoapinai, gente universo, donos do mundo, aqueles que criam o mundo dando sentido para as coisas existirem, criam os lugares e seus significados. Os hekoapinai são os transformadores e suas transformações são derivadas de eventos provenientes da vingança da morte de seu pai e parentes. A vingança é o motor de uma longa história de criação e de transformação da/na cosmologia/mitologia Baniwa. Koada, para os Baniwa, significa troca, volta, retorno, vingança. Nesse contexto, a vingança não é apenas um revide, mas uma relação, possibilidade de se criar relações entre distintos seres que se movimentam por atos de vingança, atos criadores e transformativos. A vingança produz uma temporalidade estrutural, engendra as relações sociais e os possíveis arranjos da origem e da constituição da humanidade no seu desenrolar mitológico/cosmológico.

A mitologia perfaz uma viagem, literalmente, e, nesse processo, acedemos à percepção Baniwa que como Francy nos ajuda a entender a dualidade da humanidade, um modo de ser e de estar no mundo que não exclui a animalidade, cada ser é animal e humano na simultaneidade. Francy nos apresenta o conceito de “vestidos invisíveis”, roupas, peles, corpos acentuando essa qualidade perspectivista da cosmologia. Acrescenta, porém, que, quando se veste uma roupa invisível acedendo a uma outra perspectiva, é no sentido de se proteger do seu próprio outro lado, dualidade entre humano e animal que cada um comporta, dualidade que está no corpo e no seu interior: “usamos este outro lado para nos proteger de nós mesmos”. O perspectivismo Baniwa estaria, portanto, a serviço de si próprio, do próprio ser que se manifesta nessa dualidade unida no interior de seus corpos.

E a longa história das transformações segue com Ñapirikoli, filho de Maami, quem, agora, vai empreender ações para vingar a morte de seu pai. Adentramos no “corpo sonoro dos animais sagrados”, o que foi descrito na literatura como “flauta sagrada”. Esse deslocar das “flautas” para “corpos sonoros de animais” acentua uma nova percepção etnográfica que, agora, ressita conceitual, ética e cosmologicamente o lugar do som e do sonoro na

cultura Baniwa. Estamos no plano dos corpos sonoros de animais e não dos instrumentos musicais; estamos no plano da imanência da significação dos animais sagrados que se realiza plenamente no ritual, sem divisões ou distinções entre campos semânticos distintos, que junta, de uma só vez, o corpo, a animalidade, a humanidade e o sonoro em sua dimensão de música e som.

Ñapirikoli com a força de seu pensamento engravida Amaro que ainda não tinha vagina. Com a ajuda de um peixe fura seu corpo e dá forma a sua vagina para que seu filho possa vir ao mundo. Essa é a imagem síntese que está na capa do livro, a força do mundo, a encarnação da criação e da transformação, o nascimento de Kowai, aquele que tem todos os corpos sonoros encarnados em seu próprio corpo, que veio das entranhas de uma mulher, Amaro. Cujo pai não o assume como filho, é filho de Amaro e é afastado da mãe e enviado para outro mundo para ser criado pelo “avô preguiça”.

As crianças brincam com as vespas presas em um pote. Cada vez que o pote é chacoalhado, as vespas zumbem, puro som, corpos sonoros manifestados. As crianças diziam que esse som provinha de um Kowai de “mentirinha” e dançavam em círculo ao som do Kowai zumbindo. O verdadeiro Kowai, do outro lado do mundo, observando esta cena/brincadeira das crianças decide descer para este mundo e se mostrar para as crianças. Quando chega àquele mundo, uma das crianças duvida de sua identidade e pede para que ele cante. Kowai canta, seu corpo todo emite sons, pura sonoridade. Kowai cospe na boca dos meninos, que, com isso, passam a ser iniciados e são obrigados a fazer resguardo, como se ganhassem um nome. Kowai pede para guardarem segredo, não contarem sobre o que sucedera, essa é a razão dos homens terem aprendido a guardar segredo sobre a aparência dos animais sagrados de Kowai. Mais tarde, Kowai morre e, com sua morte, aquele mundo acaba, um dos “ciclos de vingança” se encerra. Kowai deixa marcas no mundo. Sua imagem estaria associada ao homem branco e aos metais, era o “pai dos branco”. Mas antes de partir, deixa seus pelos e estes se transformam em veneno, o que propicia a dar continuidade ao “ciclo de vinganças” futuras, as que iriam vingar a morte de Kowai.

Kowai disse que retornaria, mas que teria outra aparência. Ñapirikoli ouviu um grande estrondo e foi ver o que era. Encontra uma grande armadilha de paxiúba preparada por Kowai, posta ali para matar Ñapirikoli. A grande palmeira da paxiúba era como um cordão umbilical que se ligava ao umbigo do mundo; nesse momento, surgem os animais sagrados e com eles o grande mistério Baniwa sobre os Yurupari (os animais sagrados) que não pode ser revelado, e os animais sagrados passam a viver entre as pessoas, são cuidados pelos homens que passam a ser seus donos e, a cada ritual, é possível ouvir as vozes e os cantos de cada um dos animais sagrados. Kowai renasce em outras formas e aparências:

[...] é lindo ouvir os cantos, as vozes de cada animal sagrado durante o resguardo e ritual, cujo segredo é mágico, quanto o poder desses animais é verdadeiro; eles preparam nosso corpo, nossa alma, nossa vida, eles são nossos guias... A nossa beleza, o nosso corpo é feito pelas mãos de Kowai (Baniwa; Baniwa, 2023, p. 101).

Os animais sagrados são as assim chamadas “flautas sagradas”. Francy enfatiza que chamá-los de flautas empobrece sua significação, pois não se trata de instrumentos musicais, mas de um grupo de animais sagrados, peixes e aves, são os xerimbabos dos homens. Yurupari é o termo nheengatu para Kowai, ser que deu origem a esses animais.

Os animais sagrados quando cantam lançam suas flechas venenosas e, por isso, são perigosos, as mulheres não podem se aproximar deles porque podem ser flechadas.

Na encadeação mitológica, acedemos ao roubo dos animais sagrados por Amaro, a mulher que deu à luz a Kowai e que, em última instância, é a mãe de todos os animais sagrados. Essa cena evoca questões propriamente femininas, o surgimento da menstruação que tem sua origem, também, em uma vingança, quando a irmã caçula de Amaro sangra a partir de um ataque de Ñapirikoli. Daí em diante, como dizem os Baniwa, as mulheres “foram estragadas”, menstruam, e Ñapirikoli rouba o benzimento que Amaro sabia para o kalidzamai feminino. Nesse contexto, a menstruação se associa, por sua vez, à questão dos “animais sagrados”, indicando que a ênfase da mitologia não é propriamente no roubo, mas no modo como Amaro, como mãe e mulher, quer reaver o que tinha de direito; ela pariu Kowai e este deu origem aos animais sagrados que são parte de seu próprio corpo, suas transformações. Amaro reafirmava a maternidade em relação aos animais sagrados, e isso acarretou a origem da menstruação e a perda do benzimento ritual. Nesse sentido, o “estrago” produzido por Ñapirikoli nas mulheres é, ao mesmo tempo, uma afirmação da sua condição feminina traduzida pela sua relação indissociável com os “animais sagrados”.

Ñapirikoli continua seu ataque e, ao matar as mulheres do mundo, ao invés de extinguí-las, as multiplica, jogando-as nos quatro cantos do mundo, elas passam a ser mães dos filhos, o que é a origem das gentes de todo o mundo. Francy, assim, chega à conclusão de que existe na mitologia uma única grande ancestral, mãe de toda a humanidade, Amaro, mulher sabedora, detentora do benzimento, que, lutando para recuperar seu filho Kowai e suas transformações, dá origem às amaronai, mulheres bravas e guerreiras, que lutam por seus sonhos. Continuando os “ciclos”, Amaro morre, e sua morte cria a força das mulheres no mundo Baniwa. Ñapirikoli, sabedor desse poder das mulheres, ao retornar para a aldeia após a guerra em que Amaro é morta, conta para as mulheres que Amaro morreu, mas faz um benzimento para que as mulheres percam a memória, não guardem os fatos e os acontecimentos sobre o que se passou com os animais sagrados, que esqueçam a aparência dos animais sagrados.

A contrapartida da condição feminina, da origem da menstruação, da perda da memória da aparência dos animais sagrados, está nos mitos sobre a mandioca e seu dono Kaali, que nos mostra como os homens eram, os que detinham o conhecimento sobre o trabalho nas roças e na confecção de seus produtos. Devido a “teimosias” e “desobediências”, as mulheres passaram a controlar todo o processo de produção de alimentos provenientes das roças. Francy demonstra que um dos propulsores das transformações propostas por essa mitologia/cosmologia é a quebra das regras, a desobediência, e que a teimosia, o “não obedecer”, parece não se reduzir a uma “moral” da mitologia, ao contrário, a força, a lógica do mito é a de invocar esse caráter insubmissão que proporciona e desencadeia as transformações. Para que o mundo continue e se transforme, é necessário que regras sejam quebradas, que a teimosia seja instaurada. A formação da humanidade se ancora nessa quebra de regras, o que engendra os processos transformacionais. Foi a desobediência e a curiosidade que produziram o trabalho duro na roça e os cuidados daí advindos. Em outro tempo, o trabalho na roça não era necessário, bastava as mulheres imaginarem uma roça pronta, a colheita, a mandioca descascada e o beiju feito que tudo se realizava. Porém, a curiosidade dos humanos querendo desvendar o que se passava na roça de Kaali foi o que “estragou tudo” e, aos poucos, foram sendo castigados, condenados ao trabalho duro de

derrubada e ao permanente trabalho na roça. A passagem da mandioca dos homens para as mulheres é o que garantiu que a mandioca fosse associada a essa condição feminina, seu poder, seu saber e o que garante que os humanos ao comê-la produzam um coração que age “forte no corpo humano”. Kaali está sempre na roça observando as mulheres trabalhando e cuidando para que a mandioca e sua tradição nunca acabem.

Ao final do livro, Francy faz uma análise do que se passa no ritual dos animais sagrados, na iniciação masculina, porém respeitando seus mistérios, seus segredos. Os animais sagrados, descritos como flautas, estariam, por assim dizer, representando ou sendo o próprio corpo de Kowai; tudo nele é som e, por isso, ele sabe produzir o som/canto dos animais. Esse ritual condensa, por assim dizer, a mitologia/cosmologia Baniwa que não pode ser designada apenas como um ritual masculino, mas de todos, da humanidade e de todos os tempos.

Francy, respeitando as narrações de seu pai, não desobedecendo aos ensinamentos recebidos por seus parentes, é capaz de transformar suas inquietações, insubmissões e teimosias sobre esse multiverso Baniwa em pura fruição estética-amorosa-intelectual. Na condição de indígena, mulher e antropóloga, ela nos leva a trilhar um caminho sem volta para a antropologia. Francy não realizou uma antropologia reversa, com seu livro, ela reinventa a antropologia: “Escrevo o que penso, em um processo que busca a construção de outra antropologia” (Baniwa; Baniwa, 2023, p. 29)¹.

Marco Antonio Gonçalves

Professor Titular de Antropologia no Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia e do Departamento de Antropologia Cultural da UFRJ e pesquisador do CNPq.

Endereço profissional: IFCS-UFRJ, Largo de São Francisco de Paula, n.1, Centro, Rio de Janeiro, RJ. CEP: 20051-070.

E-mail: marcoatg1960@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6954-0377>

Como referenciar esta resenha:

GONÇALVES, Marco Antonio. Resenha da obra *Umbigo do Mundo: mitologia, ritual e memória Baniwa Waliperedakeenai (pinturas de Frank Baniwa)*. **Ilha – Revista de Antropologia**, Florianópolis, v. 27, n. 1, e100532, p. 161-166, janeiro de 2025.

¹ Recomendo, com especial ênfase, a leitura de “Qual a palavra que nunca foi dita, diga (sobre Umbigo do Mundo de Francy Baniwa)”, de Tania Stolze Lima (2023) que aprofunda o significado dessa outra antropologia proposta por Francy Baniwa. Disponível para acesso em: https://selvagemciclo.org.br/wp-content/uploads/2023/04/CADERNO_66_TANIA_STOLZE.pdf.